



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 12ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, trazemos aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Mostra Mulheres em Cena, realizada pelo CCJF, dá voz a histórias de amor, alegria, sofrimento e luta feminina

A presença feminina na produção artística — no Brasil e no mundo — sempre exerceu fundamental influência no desenvolvimento cultural. Elas dominam, com criatividade e talento, a arte da pintura, da dança, da música, da escultura, do teatro, do cinema e da literatura. Exemplos não faltam: a pintora e desenhista, ícone do modernismo, Tarsila do Amaral, a escritora premiada Clarice Lispector e a compositora e instrumentista Chiquinha Gonzaga, todas brasileiras e protagonistas da história cultural do país que quebraram inúmeras barreiras rumo à conquista da equidade de gênero. Após grande progresso, as mulheres seguem transformando a cultura e ainda lutam por mais espaço na sociedade, em todos os aspectos. O que elas estão produzindo na cena cultural brasileira, atualmente? Para responder essa pergunta, o **Centro**

Biblioteca do CCJF fechada nos feriados de abril



Entre os dias **16 e 18** de abril (de quarta a sexta-feira) a **Biblioteca do CCJF** estará fechada devido ao feriado da Semana Santa, reabrindo na próxima terça-feira, **22**. Ela também não irá funcionar no dia **23** (quarta-feira), por conta do feriado estadual de São Jorge.

Leve livros para casa, de forma rápida e simples



Cultural Justiça Federal (CCJF) apresentou, no mês de março, a *Mostra Mulheres em Cena*. Em comemoração ao Mês das Mulheres, foram oferecidos espetáculos de teatro, música, obras cinematográficas e mesa de debate com a temática feminina. O objetivo foi ampliar o acesso do público a tais projetos, destacando a importância da contribuição da mulher no meio artístico. Parte das atrações que fizeram parte dessa iniciativa estarão registradas nesta edição da **Vitral Cultural**.

Confiram, nos próximos textos, mais sobre algumas das atrações que fizeram parte da Mostra: o espetáculo teatral *Carne de Segunda*, a *Mesa Mulher, Poder e Democracia*, o *Cine Clube Zezé Motta* e as apresentações musicais *Copas Fora*, de Luísa Lacerda, *Acordes Vocais* e *Mulher Forrozeira*.



No palco, a atriz Tatjana Vereza interpreta uma açougueira julgada pela pequena cidade onde vive depois que seu marido é assassinado

Carne de Segunda: o palco como forma de denúncia

Nos dias 21, 22 e 23 de março, o Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu, dentro da programação da *Mostra Mulheres em Cena*, o espetáculo *Carne de Segunda*, um monólogo com direção de Natasha Corbelino, atuação e idealização de Tatjana Vereza, que também coordena o projeto. Baseada no livro *Açougueira*, de Marina Monteiro, a peça é um verdadeiro testemunho de uma mulher vítima da própria história.

A protagonista, moradora de cidade pequena, decide tomar as rédeas da sua própria vida ao se tornar açougueira. Em um lugar que de forte só as opiniões de quem move os dedos apenas para apontar defeitos do próximo, a mulher passa a lidar com os julgamentos que surgem após ela resolver não mais seguir um roteiro escrito por outras pessoas. Condenada pela morte do

O projeto **Pegue e Leve**, iniciativa da Biblioteca do CCJF, que disponibiliza livros de forma gratuita, segue a todo vapor. Cada visitante do Centro Cultural pode levar até **quatro livros**, por mês, para casa. Basta retirar o exemplar que gostou do carrinho de doações que fica próximo à cafeteria *Café com Arte*, localizada no térreo. Para retirar um livro basta assinar, na recepção, uma lista de controle de retirada e pronto. Fácil e rápido.

Outro reforço é que seguimos aceitando doações de livros. É só trazer aquela história ou livro acadêmico que você já leu e fica empoeirado na estante. Assim, outra pessoa pode ter a oportunidade de ampliar os conhecimentos ou a imaginação. E viva a literatura!

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

marido — destrinchado como um animal no açougue —, a protagonista encoraja o público a enxergar a verdadeira vítima dessa história que, infelizmente, não acontece apenas nos palcos. Manuseando uma massa branca, Tatjana estimula a imaginação do público e provoca múltiplas interpretações para uma história que a maioria já deduz o desfecho.

Julgada por suas escolhas, silenciada ao sofrer violência e culpada pela morte do marido, o espetáculo retrata a vida de uma mulher — um exemplo, assim como tantos outros da sociedade — que decide assumir o rumo da própria vida, mas acaba sendo limitada por olhos (e vozes) que a observam, dentro de um ambiente que faz parte de uma estrutura machista criada para que ela não tenha poder sobre si. *Carne de Segunda* ilumina uma história quase sempre apagada, uma história que precisa reverberar para além das paredes dos teatros para que seja ouvida e, principalmente, jamais esquecida.

Tatjana ressalta a importância de ocupar um lugar tão importante na programação do CCJF do mês de março, um mês de luta e, principalmente, de celebração aos avanços e conquistas de pautas femininas. “Estar em um centro cultural, onde a palavra justiça tem seu peso, deu um novo contorno a apresentação desse espetáculo. Perceber que cultura e justiça podem caminhar juntas nos fez pensar que trazer projetos em que mulheres estejam à frente de suas histórias, pontuando as violências que atravessam nossos corpos, possa ser o caminho para pender a balança para o equilíbrio, para o que é justo. Assim, saímos agradecidas por ocupar um lugar tão importante que abriga e impulsiona projetos pertinentes ao nosso tempo”, declarou a atriz.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

Visitas orientadas
(exceto no recesso judiciário e feriados):
Terças e quintas
das 14h às 16h
Gratuito

O agendamento pode ser feito pelo e-mail:
visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente (e para os olhos)



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.



Da esquerda para direita, Elaine Pauvolid, Dra. Simone Schreiber, Geovana Pires, Carol Bispo e Daniela Pfeiffer palestram na Mesa Mulher, Poder e Democracia

Mesa Mulher, Poder e Democracia, realizada pelo CCJF, discute união de arte e justiça em prol de mulheres privadas de liberdade

Como a cultura, unida à justiça, pode inspirar a construção de uma sociedade mais preocupada com a formação do

Programação do CCJF no WhatsApp

conhecimento do que com a punição e a violência? A resposta para essa pergunta não é trivial, ela perpassa uma série de desafios, como a luta contra o machismo estrutural e a desigualdade de gênero. Contudo, celebrar e incentivar a força e a capacidade das mulheres em qualquer espaço, seja ele um Tribunal, uma unidade prisional ou um teatro, por exemplo, se molda como um dos caminhos possíveis para garantir, de uma vez por todas, os direitos femininos. Para discutir o tema – tão importante nos dias de hoje –, a *Mesa Mulher, Poder e Democracia* reuniu, no último dia 27, na Sala de Sessões do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, mulheres que têm contribuído, de forma efetiva e inspiradora, para ajudar outras mulheres que estão em situação de encarceramento ou são egressas do sistema prisional.

Elaine Pauvolid, à época diretora da Divisão de Cultura do CCJF, mediu a mesa, recebendo a Dra. Simone Schreiber, desembargadora do TRF2 que, na ocasião, encerrava sua gestão como diretora-geral do CCJF, Carol Bispo, advogada e diretora executiva da *Associação Elas Existem Mulheres Encarceradas*, organização dedicada à defesa de direitos de mulheres afetadas pelo sistema de justiça criminal, Geovana Pires, atriz da peça *Perigosas Damas*, diretora teatral e vice-presidente do *Instituto Casa Poema*, que entre outros projetos, utiliza a oratória e os poemas para auxiliar na ressocialização de mulheres privadas de liberdade e Daniela Pfeiffer, então diretora-executiva do CCJF, que liderou projetos dentro do Centro Cultural voltados a mulheres em situação de encarceramento. “A composição da mesa tem um propósito muito específico que é de marcar a preocupação do CCJF com o encarceramento feminino”, destaca Elaine, ao mencionar alguns dos projetos realizados pelo Centro Cultural voltado a este grupo de mulheres: a visita, em 2022, à exposição *Ausência - Correspondência inédita* – composta por fotos e cartas bordadas de detentas – de Nana Moraes, projeto que virou um livro chamado *Ausências*, o projeto em parceria com a UFRJ e a *Mostra Geração do Festival do Rio* que realiza, periodicamente, exibição de filmes e debate dentro das unidades prisionais femininas Talavera Bruce e Oscar Stevenson, as palestras realizadas junto com a *Associação Elas Existem* nos últimos anos e o espetáculo *Perigosas Damas*, que esteve em cartaz no Teatro do CCJF no final de 2024. “Para todas essas ações, foi fundamental a contribuição de todas essas mulheres à mesa, que incentivam a empatia para/com as mulheres em situação de encarceramento que, muitas vezes, devido ao preconceito, são abandonadas por seus familiares no momento em que mais precisam de acolhimento”, pontuou Elaine.

Carol Bispo, da *Elas Existem*, falou sobre o preocupante cenário do sistema carcerário brasileiro, ressaltando que hoje são quase 50 mil mulheres nas prisões, sendo 72% delas cumprindo a 2ª ou 3ª pena. Para ela, esse difícil quadro poderia ser diferente caso essas mulheres tivessem uma escuta mais atenta, dentro e fora dos presídios, além de ferramentas efetivas que permitam uma boa ressocialização, no caso das egressas. “Se elas saírem sabendo que tem alguém que não vai julgá-las, fazendo acreditar que é um momento, uma fase...porque elas não foram condenadas por privação de dignidade, e sim de liberdade. Sei que é possível modificar a realidade com uma escuta ou somente um ‘você existe’. A arte traz um lugar de conforto, de entender que vários mundos podem conversar. Eles não precisam falar a mesma língua, só precisam ser ouvidos”, completou Carol.



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabe dizer quem está retratada no lindo

Além de corroborar com a opinião da Carol e destacar o papel da arte e cultura como libertadores, Dra. Simone também trouxe a visão dela sobre o tema, na condição de juíza federal, considerando o caótico cenário de superlotação nos presídios. “Creio que, dentro do sistema de justiça, o que se pode fazer pela população privada de liberdade é soltar as pessoas. Não consigo ver nenhuma solução dentro dos estabelecimentos prisionais. O discurso de que prisão reeduca e ressocializa é extremamente ilusório”, disse a desembargadora, ao destacar que em casos excepcionais, aqueles mais graves cabe, sim, a condenação à pena de prisão.

Geovana Pires, da peça *Perigosas Damas*, faz um trabalho social por meio da imersão poética, dentro dos estabelecimentos carcerários femininos. Segundo a atriz, a experiência de declamar poemas, inclusive para mulheres que não sabem ler, repetindo-os e absorvendo emoções, faz com que elas aprofundem as relações ali dentro, e conseqüentemente, se reduza os níveis de violência nestes locais. “O poeta é o grande tradutor dos sentimentos humanos, por isso acho que diminui o índice de violência. Quando você consegue falar, levanta a cabeça e quando isso acontece você consegue dialogar com o outro. Então, essas mulheres se fortalecem dentro daquilo que elas querem dizer”, explica a atriz.

Ao mencionar os projetos realizados nos últimos anos pelo CCJF, direcionados a mulheres encarceradas, Daniela Pfeiffer os define como uma gota no oceano frente a quantidade de pessoas que necessitam de ajuda, mas destaca que esse auxílio, junto com tantos outros de iniciativas semelhantes, pode ser o diferencial para mudar a vida de centenas de mulheres. Aproximadamente 700 detentas foram beneficiadas, por exemplo, com o projeto de cineclube em parceria com a Mostra Geração do Festival do Rio, e o projeto de dança *Corpo, Gesto e Afeto*, em parceria com a UFRJ e a UFF, que envolve grávidas e aquelas que estão em isolamento. “É uma gota, mas o que seria do mar sem ela, né? A gente acredita que esse trabalho está diretamente ligado à missão da instituição que tem como proposta unir justiça e arte, justiça e cultura”, reforçou no final do evento.



vitral da escadaria principal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**?

De autoria de Gastão Formenti, o vitral traz a imagem de *Iustitia*, deusa romana que representa a justiça, a equidade e a ordem. Ela é representada por uma mulher vendada, segurando uma espada com a mão esquerda e uma balança com a mão direita, mostrando o conceito da imparcialidade e do equilíbrio da justiça.

Composto por muitas cores e elementos, o vitral é uma verdadeira obra de arte que decora perfeitamente o ambiente e é um ponto muito apreciado pelos visitantes.



Público participa do debate envolvendo os curta-metragens exibidos no Cine Clube Zezé Motta, no Cinema do CCJF

Cine Clube Zezé Motta: cinema, debate e emoção

No dia 25 de março, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu no Cinema o *Cine Clube Zezé Motta*, uma iniciativa cultural que promove exibições e análises de filmes socialmente significativos. No Mês da Mulher, nada mais justo do que o CCJF realizar um evento que carrega uma homenagem a uma das atrizes e ativistas mais importantes da história do Brasil: Zezé Motta, uma mulher que desafiou os estereótipos, conquistou espaços e que, hoje, é a figura central de um projeto que tem em suas raízes os mesmos objetivos.

Com a exibição de três curtas-metragens *Rainha*, *Cabelo Bom* e *Mulheres da Independência*, o cine clube convidou os espectadores a mergulharem no roteiro de vida de mulheres que, de todas as coisas que têm em comum, a principal delas é a luta. A sessão teve o apoio do Passaporte Cultural, que levou idosos da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos e do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Duque de Caxias que assistiram quase que hipnotizados aos filmes, reagindo com risadas ou acenando com a cabeça quando a história projetada lembrava um pouco as suas próprias histórias de vida. As três palestrantes, Taíla Borges, superintendente de audiovisual e anfitriã do evento, Jordana Korich e Kelly Siqueira, diretoras do curta *Mulheres da Independência*, foram peças-chave do debate, respondendo pontualmente a cada pergunta feita e contribuindo com suas experiências.

Em meio ao relato intenso de uma das espectadoras do cine clube, Taíla Borges não se conteve e caiu em lágrimas. “Sendo em sua maioria pessoas negras, os espectadores sentiram-se representados pelos três filmes apresentados, fazendo uma conexão potente entre as obras. A roda foi enriquecida com suas vivências e experiências. Cada relato e história contada fazia uma emoção tomar conta do recinto. O público se sentiu acolhido e encantado tanto com a exibição como com o espaço do Centro Cultural Justiça Federal”, pontuou ela.

Se o objetivo do *Cine Clube Zezé Motta* era inspirar como inspira a artista Zezé Motta, expoente da cultura afro-brasileira, pode-se dizer que o projeto está seguindo o caminho certo. A sessão, dentro da programação da *Mostra Mulheres em Cena*, deixou claro que, mesmo a raça negra já tendo conquistado tanto após muita luta contra a discriminação, ainda há muito chão a pisar e muito espaço a pertencer. Zezé Motta é e sempre será sinônimo de resistência.



Grupo Mulher Forrozeira no palco do CCJF, com repertório em homenagem a Chiquinha Gonzaga, Carmélia Alves e Ceíça Moreno

O universo feminino conspirando a favor da música no CCJF

As atrações musicais, dentro da *Mostra Mulheres em Cena* – que celebrou o protagonismo feminino na arte e cultura –, mostraram a que vieram na programação de março do CCJF. Entre as apresentações oferecidas ao público, destacamos na **Vitral Cultural** deste mês, três delas: os shows do grupo *Mulher Forrozeira*, *Copas Fora*, de Luísa Lacerda, e *Acorde Vocal*, que dessa vez trouxe apenas mulheres no coro. Abaixo, um pouco do que foram esses espetáculos inesquecíveis.

Mulher Forrozeira

Era uma quarta-feira, dia 12 de março, quando o grupo *Mulher Forrozeira*, criado com a missão de valorizar e promover a presença das mulheres na música, especialmente dentro do universo do forró – que historicamente tem sido majoritariamente masculino –, subiu ao palco do Teatro do CCJF. Logo, a conexão do público com as musicistas foi percebida no ambiente caloroso. É de se esperar, pois o projeto não é apenas musical (trio, banda e roda), mas sim um movimento de resistência, empoderamento feminino e celebração, conforme destaca Mirele Guedes, diretora, compositora, voz e percussão do *Mulher Forrozeira*. “Nosso objetivo vai além do palco: queremos inspirar outras mulheres a ocuparem seus espaços, seja na música, na produção cultural ou em qualquer outra área”, destaca, ao explicar que a cada apresentação buscam homenagear mulheres que abriram

caminhos e fortalecer uma nova geração de artistas. Nesta apresentação, as homenageadas foram Chiquinha Gonzaga, Carmélia Alves e Ceíça Moreno.

Para Mirele, fazer parte da *Mostra Mulheres em Cena* foi uma oportunidade para reafirmar a missão do grupo e dialogar com um público que reconhece e apoia essa representatividade. “Apresentar-nos no Centro Cultural Justiça Federal foi um marco, pois reforçou a importância de ocuparmos espaços culturais institucionais e prestigiarmos iniciativas que promovem o empoderamento feminino através da arte”, disse. No show, o público pôde dançar, interagir e se emocionar com as canções, o que para as artistas é a melhor resposta ao trabalho. “Foi uma experiência que reafirmou a potência do nosso projeto e a importância de levar essa energia e essa mensagem para diferentes espaços. Agradecemos a todo o público, que esteve presente e celebrou, com alegria, a força feminina no Forró!”, completou Mirele.



Luísa canta canções que inspiram a celebração da amizade, sensibilidade e construção de novos mundos por meio da arte

Copas Fora, de Luísa Lacerda

No dia 19 de março (quarta-feira), foi a vez de Luísa Lacerda, com o show *Copas Fora*, trazer para o Teatro do CCJF um repertório marcado por canções – algumas inéditas – compostas com notável sofisticação melódica, harmônica e poética assinadas por compositores contemporâneos. Para a apresentação, que fez parte da *Mostra Mulheres em Cena*, a musicista convidou dois parceiros: a violoncelista Maria Clara Valle e o violonista Lucas Galato. A intenção do show foi realizar um encontro musical que celebrasse a amizade, a sensibilidade e a construção de novos mundos por meio da arte. Para o público presente no evento, esse objetivo foi alcançado com louvor. “Foi um evento corajoso e belo o show da Luísa Lacerda. Corajoso porque belo. Belo porque corajoso. Luísa conduz, com afinação perfeita e sentimento puro, um repertório todo sinuoso e novo. Se alguém pensa que a música brasileira parou, este sim é que parou – e bem que poderia se deixar dinamizar pelo canto e pelo violão da Luísa Lacerda”, pontuou Thiago Amud, compositor e um dos espectadores ilustres do show.

Sobre a importância do protagonismo feminino na cena cultural, Luísa percebe, atualmente, uma mudança significativa – ainda que não em todos os espaços de música –, em relação à visibilidade e valorização das mulheres. “Estamos longe de ter uma equidade entre os gêneros no que diz respeito às oportunidades, porém, hoje temos uma rede de apoio mais fortalecida para falar sobre essa disparidade e sobre situações de machismo que vivenciamos no meio musical”, ressaltou. Para ela, artistas mulheres, apesar da qualidade musical, ainda passam por constrangimentos como o tratamento desrespeitoso de homens “músicos ou técnicos desrespeitosos” ou outros que se acham superiores e querem ensiná-las como fazer o próprio trabalho. “Isso tudo está sendo contestado com mais vigor em diversos segmentos e devemos permanecer assim até que não seja mais necessário termos, por exemplo, uma programação só com mulheres. Por enquanto, iniciativas como essa são muito bem vindas e necessárias”, destacou Luísa.



Acorde Vocal prestigia a programação da Mostra Mulheres em Cena trazendo apenas mulheres no coro

Acorde Vocal canta Clássicos da MPB

No dia 22 de março (sábado), o grupo Acorde Vocal lotou o Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) com uma apresentação de marejar os olhos e esvaziar os pulmões. Um espetáculo em homenagem aos clássicos da MPB, lembrou grandes nomes da música brasileira e fez parte da *Mostra Mulheres em Cena*. O grupo de vozes femininas, na ocasião, regido por Nayana Torres Pereira, contagiou o público todo – houve até quem se arriscou a cantar as melodias. Ao final da apresentação, o grupo distribuiu a letra da canção “Novo Tempo”, de Ivan Lins e Vitor Martins, e o Teatro se transformou em um grande coral. A música, então, preencheu o lugar, sendo cantada por vozes emocionadas e esperançosas. O show estava completo. Vozes do palco e das poltronas transformaram a atmosfera do CCJF em pura alegria, tornando a experiência do público, que além de assistir fez parte do espetáculo, inesquecível.

Encantada com o evento, Nayana evidenciou a importância de uma apresentação formada apenas de mulheres que, principalmente, fortalece a luta feminina e ressalta o

protagonismo delas. “Teremos mais projetos com mulheres, sim, porque os homens, a vida inteira, ocuparam muito mais os espaços. Então, agora, é a reparação histórica, é nossa vez de ocupar esses lugares”, pontuou a musicista.

A diretora musical e regente oficial do grupo, Cris Dellano, destacou a sensação de se apresentar no CCJF e o quão especial foi esse momento. “No CCJF, nossa apresentação foi muito especial, com casa cheia e o público interagindo com a gente, nesse espaço tão acolhedor que é o teatro do CCJF. Uma apresentação intimista, para 100 pessoas, mas com a atmosfera de que estávamos nos apresentando na sala de casa!”, declarou a regente.



Entrada de uma das galerias do 1º andar do CCJF que compõe a mostra Cinelocus, de José Damasceno

Cinelocus, nova exposição de José Damasceno, valoriza a importância da arte na Cinelândia

No dia 22 de março, as galerias do 1º andar e a Sala de Sessões do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** ganharam contornos, cores, texturas, sons e luzes com a exposição *Cinelocus*. As obras de José Damasceno, artista visual brasileiro que expõe há anos dentro e fora do país, convidam o público a uma experiência cinematográfica imaginária que explora o espaço-tempo. Por meio de desenhos, esculturas, vídeo, instalações e gravuras, como a obra “O Grito comics”, em que a imagem de um gigantesco primata, iluminado por uma luz quente, parece estar emitindo um estridente som, Damasceno brinca com a relação entre realidade e o imaginário, mesclando-as de uma forma inusitada. Segundo ele, essa mistura entre objeto e ideia o acompanha desde sempre, confundindo-se mutuamente.

Na abertura da mostra, o artista ressaltou a razão que o incentivou a reunir esses trabalhos: a importância das obras estarem na Cinelândia, centro histórico e nevrálgico da cidade do Rio de Janeiro. “Reuni todos esses trabalhos que me acompanham nesta exposição com o incentivo de tê-los em conjunto mas, sobretudo, considerando a importância deles

estarem na Cinelândia. Esse é o destaque. Estar celebrando a minha, a nossa cidade, o nosso circuito, nosso entorno. Isso para mim é especial”, disse ao pontuar que, apesar de ter exposto em vários lugares durante a carreira, inclusive fora do Brasil, a vontade é estar “aqui e agora”. “Aqui é o lugar. Acho importante valorizar o nosso entorno, todo o nosso substrato cultural. É uma questão de cuidar”, completou.

A abertura de *Cinelocus* ainda contou com a participação especial de Fausto Fawcett, compositor e escritor, expoente do rap rock e da literatura cyberpunk no Brasil que, entre outros trabalhos, ficou conhecido pela música “Kátia Flávia, a Godiva do Irajá” (1987) e “Rio 40 Graus”, gravada por Fernanda Abreu, em 1992. O público lotou a Sala de Sessões para assistir à performance músico-poética *Cine Funk Locus 50 graus* de Fawcett que trouxe “cinco funks rap-sodias” sobre a atualidade incendiária do mundo contemporâneo.

A exposição fica no CCJF até o dia 8 de junho, de terça a domingo, das 11h às 19h, e é gratuita.



Sala de Cursos cheia para ouvir a escritora Cecília Botana sobre a técnica de escrita de microcontos

Oficina de Microcontos e as infinitas possibilidades de se contar uma história

Além da abertura da exposição *Cinelocus*, sábado, 22 de março, também foi dia de literatura no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. A *Oficina de escrita de Microcontos, do micro ao infinito*, abriu as portas da Sala de Cursos para os amantes da quinta arte. A escritora eicineira Cecília Botana deu uma verdadeira aula de microcontos para todos os 24 participantes – número maior do que o previsto. Ou seja, o sucesso não começou apenas antes do evento – tendo em vista a quantidade de inscrições, que superou o previsto –, ele permaneceu até seus últimos minutos, que inclusive se estenderam em uma sessão de autógrafos e venda de livros.

A escritora começou a oficina com uma breve, mas pontual introdução do que é um microconto, apresentando exemplos variados que mostravam seus contrastes e as mil possibilidades de se contar uma história. Cecília fez questão de ouvir a voz de cada participante. Eles leram os contos e participaram da interpretação de cada um dos textos. Ao final da oficina, foi o momento de escreverem o seu próprio microconto, baseado em uma das pinturas expostas (O Grito, de Edvard Munch, e O Beijo, de Francesco Hayez). As histórias foram lidas em voz alta para todo o grupo, que ora silenciava suas vozes para tentar entender, ora gargalhava com o que tinha sido dito.

Bianca Oliveira, uma das participantes da oficina, conta que, apaixonada por literatura desde criança, sempre teve curiosidade de se aprofundar e entender um pouco mais sobre microcontos. “Eu não tinha um certo domínio nessa área da literatura, mas depois da oficina de hoje, que eu acredito ter sido maravilhosa, consegui pegar muitas dicas. Foi bem objetiva, do jeito que eu gosto, e até senti uma certa facilidade para fazer o exercício, coisa que eu achei que não teria”, relatou Bianca.

Surpresa com o resultado do encontro, Cecília Botana captou com clareza o sentimento dos participantes: o de felicidade. “De fato, os alunos manifestaram ter gostado muito da atividade, disseram que aprenderam muito e me parabenizaram pela apresentação. Saíram muito contentes e eu fiquei com gostinho de ‘quero mais’”, concluiu a escritora.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Edvaldo Júnior

*A ideia da série **Por Dentro do CCJF** é trazer, a cada mês, um curto bate-papo com um convidado(a), inspirado naquelas boas prosas que acontecem na hora do café e que, muitas vezes, dá uma leveza no dia a dia.*

Neste mês, a **Vitral** traz a segunda conversa da série que estreou na última edição da newsletter. Dessa vez, o convidado para o bate papo virtual é o arquiteto **Edvaldo Júnior**, servidor do Setor de Restauro e Preservação Predial do Centro Cultural Justiça Federal.

Ele fala sobre escolhas na carreira, funções que exerce no cargo e ainda conta uma curiosidade histórica intrigante sobre as grandes portas de madeira, entalhadas pelo artista Manuel Ferreira Tunes, que emolduram a frente do Centro Cultural. Confira abaixo:

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher a profissão de arquiteto e urbanista, e além disso, ingressar na carreira pública?

Edvaldo Júnior: Quando eu era bem pequeno, me lembro de falar para a minha avó materna que queria construir uma casa para ela. Por causa disso comecei a me interessar pelas construções desde pequeno. Eu sempre gostei muito de como a cidade se desenvolvia, os arranha-céus do centro da cidade em contraste com as construções das casas de tijolo nos morros do Rio de Janeiro. Tudo isso me fascinava...

Com o passar do tempo fui me interessando mais pelas formas de construção do Brasil e do mundo e comecei a me interessar pela funcionalidade das construções. Via que muitas moradias eram bem bonitas e funcionais, enquanto outras eram mais humildes e menos funcionais. Isso me incomodava. Apesar disso, meus caminhos acabaram me levando a estudar engenharia elétrica. Estudei engenharia por três anos, mas tudo aquilo não fazia muito sentido para mim. Então, querendo mudar de curso, fui conhecer mais sobre a engenharia civil e a arquitetura e me apaixonei pela arquitetura!

Já vendi frutas na praia quando era universitário e trabalhei com vendas, representação, entre outras coisas para poder ganhar dinheiro. No fim, acabei optando pela segurança no serviço público. Trinta anos depois de formado aqui estou eu (risos).

VITRAL: Quanto tempo você trabalha no CCJF e quais suas principais funções?

Júnior: Eu entrei no CCJF há 23 anos, mas em 2013 fui convidado para trabalhar como Diretor da Subsecretaria de Obras e Manutenção Predial do Tribunal Regional Federal 2ª Região (TRF2) onde fiquei até 2015. Depois, trabalhei por um período na gráfica do Tribunal e por fim retornei ao CCJF.

Hoje sou o responsável pelo Setor de Restauro e Preservação Predial do CCJF e minha função é ajudar a manter a integridade do prédio, preservar as características que fizeram o prédio do CCJF ser tombado pelos órgãos de patrimônio histórico municipal, estadual e federal.

Em 2025, se tudo der certo, serão realizadas várias contratações como: restauro de parte dos ladrilhos hidráulicos do prédio, da fachada frontal e das portas monumentais do prédio, recuperação da claraboia de vidro, etc. O Setor de Restauro será responsável por fiscalizar cada um desses contratos. Também sou responsável pelos pareceres técnicos para todos os eventos que o prédio recebe, seja no teatro, cinema, Sala de Sessões ou biblioteca.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal?

Júnior: Tem um caso muito interessante...anos atrás, durante o restauro das portas entalhadas de madeira que ficam na entrada do prédio, o restaurador George Sliachticas verificou que havia algo estranho em uma das esculturas da justiça entalhada em madeira maciça que fica no topo da porta. Observando mais de perto, ele verificou que haviam emendas atrás da cabeça, nas costas e abaixo do queixo da estátua. As emendas estavam bem

fixadas com parafusos. Então, o Sr. George reparou que no interior da cabeça da estátua, nas costas e abaixo do pescoço haviam partes ocas! Existem duas possíveis explicações para isso:

A primeira é que, provavelmente, esses tipos de esculturas em madeira maciça eram escavadas para que as peças rachassem menos e ficassem mais leves.

A segunda explicação tem a ver com a expressão “santo do pau oco”. Segundo o professor Meneses de Oliva, do Museu Histórico Nacional, citado por Antenor Nascentes em seu livro *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, o termo se origina da descoberta, na cidade de Salvador, de imagens ocas de santos que vinham de Lisboa, recheadas de dinheiro falso. Tanto eu como o Sr. George acreditamos que as nossas portas monumentais se encaixam na segunda hipótese, mas na verdade nunca saberemos com certeza...(risos).



Quando é o depois do não?

Por *Natasha Corbelino*, atriz, produtora, autora e diretora teatral. Diretora da peça *Carne de Segunda*.

A peça Carne de Segunda esteve, em março, no palco do CCJF

“Sou quando estou nas manifestações coletivas nas ruas, e canto: “Companheira, me ajuda, que eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor.” Esmorecer não é verbo que me constitui.”

Carne de Segunda é um espetáculo de teatro idealizado, produzido e protagonizado por uma mulher, Tatjana Vereza, escrito por outra mulher, Marina Monteiro e dirigido também por uma mulher, Natasha Corbelino, eu, neste momento praticando meu traço de testemunho com nossa peça que esteve na programação deste tão querido Centro Cultural Justiça Federal, em março de 2025: *Mulheres em Cena*. Nós três somos mulheres cis. Eu, cis e branca, tenho buscando começos de escrita que racializam meu risco. É desta musculatura que encaminho a vocês minhas palavras encarnadas.

Houve, abrindo esta conversa, uma pergunta que nos foi endereçada:

Resistência feminina: é possível furar a bolha conservadora intrínseca em uma sociedade que ainda não consegue garantir as mesmas premissas para homens e mulheres?

Estou em um dia distante da poética que minha própria direção trabalha no espetáculo. Volto à plasticidade da cena. Em *Carne de Segunda*, a personagem é uma açougueira, que inventa sua profissão como modo de produção e criação de corte e caminho para as violências que despedaçam seu campo de batalha, digo, seu corpo de mulher. Na direção, busquei alguma plasticidade encarnada com uma massa que desdobra a ocupação desse corpo na palavra e busca aumentar a convivência da cena com o público. É uma peça que se pesquisa a cada nova temporada. Aqui fizemos a quarta. E eu agradeço pelo espaço que fez nossa carne brilhar e seguir em ato. Viva! Porém, hoje aceito a distância que estou da nossa poética de palco, e me autorizo a responder que não, não é possível furar o conservadorismo que aprisiona e menospreza os recortes de gênero.

Sou uma pessoa propositiva e da ação, sou uma artista mulher focada em criar pulsão de Vida a partir da Obra, me posiciono com uma peça na engrenagem dos movimentos que causam saúde coletiva. Sou um ato de continuidade na insistência pela linguagem, uma pesquisadora da estética singular das lutas. Sou quando estou nas manifestações coletivas nas ruas, e canto: “Companheira, me ajuda, que eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor.” Esmorecer não é verbo que me constitui. Sou uma celebrante do sim. Por isso, hoje escolho responder não à pergunta no campo dos direitos das mulheres, das “mulheridades”.

Uma pausa para olhar em volta as notícias e dados e para olhar de volta a pergunta feita e encontro a palavra que me pegou pela mão até o não respondido: intrínseca. Fui ao dicionário, e é isso mesmo. A palavra é bonita, mas onde está afirma meu não. Há algo que segue inevitável no acontecimento das violências de gênero, que não se esvai, o gesto brutal imposto pela existência do patriarcado permanece fixo no seu interior, como essência da sociedade, como essa autocentrada fundação desmoronada que ainda assina, e/ou assassina, o nome de quem pode seguir viva para receber perguntas.

Com a pergunta perguntando, hoje escolho o não como marcador, porque não é não e porque é para o sim que tento meticulosamente criar possibilidades seguras e felizes a cada passo, respeitar o sim que cada não urgente tem que apagar. E o sim somos nós, mulheres presentes em movimentos plurais, mulheres vivas. É do sim que veio antes, que está e que virá que nossa constituição se faz. Posicionado o não, podemos ser nós mesmas o SIM da pergunta, a festa que desenha na cidade nosso corpo coletivo e de vastidões, em expansão ao longo da História, com as políticas de tantas lutas coreografando nossos protagonismos.

Escrevo no dia primeiro de abril, dia da mentira, também marco de uma verdade rascante na História do Brasil, que começou ainda ontem, há 61 anos, no dia 31 de março, mês da mulher: o Golpe de 1964.

@natashacorbolino

